

Mediosfera

Meios, Imaginário e desencantamento do mundo

Mediosphere

Media, Imaginary and the disenchantment of the world

Edilson Cazaloto¹

Resumo

“Mediosfera: meios, Imaginário e desencantamento do mundo”, é resultado de pós-doutorado realizado por Malena Segura Contrera e foi lançado pela editora Annablume no final de 2010. O livro é uma crítica ao uso midiático das imagens, as quais, acompanhando as tendências do capitalismo contemporâneo, estariam colaborando para o processo de desencantamento do mundo e configurando uma deturpação da “noosfera”, tal como concebida por Edgar Morin. A Mediosfera, que resulta deste processo, institui a vigência de um Imaginário mercantilizado e separado da experiência concreta do mundo.

Palavras-chave

Comunicação; Imaginário; Mediosfera.

Abstract

“Mediosfera: Meios, Imaginário e o desencantamento do mundo” is the result of post-doctoral studies carried out by Malena Segura Contrera and was released by the publisher Annablume in late 2010. The book is a critique of the media images usage, which, following the trends of contemporary capitalism, would be contributing to the process of disenchantment of the world and setting a misrepresentation of the "noosphere," as conceived

¹ Doutor em Comunicação e Semiótica. Professor titular do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP).

by Edgar Morin. The Mediosphere, which results from this process, establishes the validity of an Imaginary commodified and separated from the concrete experience of the world.

Keywords

Communications; Imaginary; Mediosphere;

“Mediosfera: meios, Imaginário e desencantamento do mundo”, é resultado de pós-doutorado realizado por Malena Segura Contrera e foi lançado pela editora Annablume no final de 2010. Em apenas 141 páginas, a autora faz uma vigorosa crítica ao estatuto contemporâneo da imagem e das tecnologias midiáticas eletrônicas. Essa crítica se fundamenta na percepção de que o uso da imagem pela mídia é “destituído de alma”. Ao contrário das imagens religiosas, principalmente as ligadas às sociedades matriarcais e aos cultos politeístas e animistas, o imperativo da visibilidade que acompanha o desenvolvimento do capitalismo produz imagens “abstratas” e descontextualizadas, criando assim, o paradoxo da ausência de sentido pela hipertrofia dos significantes. Desta forma, Contrera insere-se na tradição crítica de nomes como Debord e Baudrillard, que constituem, ao lado de Edgar Morin, referências centrais do texto.

A “crise de sentido” da pós-modernidade ancora-se, na perspectiva da autora, em um movimento de grande alcance inaugurado pela disseminação do paradigma cartesiano e pelo desenvolvimento do capitalismo a partir (principalmente) do século XVIII. Sem estabelecer relações mecânicas de causa e efeito, Contrera vê nesses dois fenômenos o coroamento de uma cultura patriarcal e monoteísta, que retira o corpo da relação com o simbólico para fundar-se em uma lógica abstrata.

Tendo essa reflexão como pano de fundo, o livro se articula em torno de dois grandes temas:

a) A vigência, no imaginário cultural, de uma “Mediosfera”.

A noção de “Mediosfera” que Contrera busca construir baseia-se em sua leitura do conceito de “Noosfera” tal como proposto por Edgard Morin (a partir do “arquétipo, de C. G. Jung”). Em ambos os casos, trata-se de uma esfera habitada por “seres de espírito” os quais, embora não possam ser tratados em termos de realidade física, devem ser considerados como “realidades objetivas”, uma vez que provocam efeitos concretos na cultura, no agir humano e no Imaginário². O que ocorre é que, no decorrer do desenvolvimento do capitalismo e dos meios de comunicação de massa, surge um novo modo de construção do Imaginário, baseado

² A noção de Imaginário abordada no livro é derivada diretamente dos trabalhos de Gilbert Durand.

em conteúdos midiáticos abstraídos do contexto da experiência direta: a Mediosfera. Sobre essa relação entre Noosfera e Mediosfera, a autora é bastante enfática:

“É preciso reiterar que não estamos propondo que a Mediosfera seja uma esfera à parte da Noosfera, mas que, como um núcleo no âmago desta, cresceu e inflou titanicamente de modo a vampirizar aos poucos a energia dos outros conteúdos da Noosfera, pressionando os limites da primeira por dentro. A analogia com um tumor pode ser de mau gosto, mas parece bem real” (p. 57)

Assim, a Mediosfera aparece em Contrera como uma versão deturpada e deturpante da Noosfera. Seus “seres de espírito” são sombras de sentido: ao mesmo tempo, produzem e demonstram uma atrofia generalizada das competências simbólicas necessárias à vitalidade do Imaginário cultural.

b) A negação das hipóteses de um possível “reencantamento” do mundo na pós-modernidade, com a crise do paradigma cartesiano.

O segundo tema que percorre transversalmente a obra é a crítica à noção de “reencantamento do mundo”. Contrera condena a visão de muitos autores contemporâneos (principalmente aqueles ligados ao conceito de “pós-modernidade” e afins, com referência direta a Michel Maffesoli) de que o contemporâneo assiste a um declínio do paradigma moderno e que esse fenômeno estaria produzindo um mundo “reencantado”, no qual a racionalidade cartesiana entraria em eclipse. A autora toma como referência a noção de “neo-paganismo”, de M. Maffesoli, mas aponta que a mera estetização da existência (ponto fundamental para o autor francês) não é suficiente para produzir o sentido de “relição” e, portanto, de encantamento.

É a mercantilização da estética (promovida principalmente pela mediatização da sociedade) que retira qualquer possibilidade de transcendência implicada em um “reencantamento”. Segundo Contrera:

“Não é possível, então, considerar o momento atual como um reencantamento do mundo (...). Poderíamos dizer, na realidade, que estamos diante de uma nova forma de encantamento sem mundo, um encantamento que, sem objeto de culto, mais se aproxima de um estado abobado de auto-encantamento do que a um neo-paganismo de fato”. (p. 130)

A maneira como Contrera aborda os temas da Mediosfera e do reencantamento do mundo revela a força de um olhar atento às questões estruturais e aos processos de fundo. Embora aborde questões que habitam as fronteiras do pensamento em Comunicação, como o Imaginário e os arquétipos, a autora não perde de vista o universo das relações sociais e o contexto material em que se dá o surgimento da Mediosfera: é ali, no âmago das transformações do modo de produção que se dão as condições para a degeneração da Noosfera, assim como é na universalização da forma-mercadoria que um mundo reencantado encontra seus limites.

Dessa forma, o termo “Mediosfera” nasce sob o signo da crítica, não para descrever uma realidade, mas para apontar um processo de degeneração e de esvaziamento³ do Imaginário que se dá no contexto das sociedades capitalistas (industriais e pós-industriais).

³ Esvaziamento que, paradoxalmente, se dá pelo excesso e pela redundância.